

O PREÇO DO ABANDONO

Iracema Almeida da Silva abandonou os livros aos 17 anos, no 1º ano do Ensino Médio. Conta que não tinha como pagar o material escolar nem os R\$ 5 mensais cobrados pela Associação de Pais e Mestres do Centro Educacional Número 1, do Guará. O dinheiro serve para ajudar a manter a escola e seu pagamento não é obrigatório.

“Só que é muito vexame não ter R\$ 5. Eles cobravam e eu me sentia envergonhada. Parece pouco, mas somos pobres de verdade”, conta a moça que trocou a aula pelo serviço de diarista e agora está desempregada. “Além do mais, eu não aprendia muita coisa, não. Valia mais a pena trabalhar.”

O trabalho de Iracema não prosperou e agora ela mora com a mãe num barraco nos confins das qua-

dras QNR, para lá da expansão do Setor O, em Ceilândia. “Tive nove filhos. Só um terminou o Ensino Médio. O resto parou igual a Iracema”, lamenta a mãe, dona Maria Anália da Silva.

A família de Anália retrata um problema que tem atormentado os educadores de todo o país. A escola brasileira ainda não consegue manter o adolescente nos colégios. E não é só no DE.

Nos últimos dois anos, os censos escolares indicam que o número de matrículas no Ensino Médio caiu em todo o país, ainda que com uma taxa menor do que os 25% registrados no DF. Em 2004 havia 8.057.966 brasileiros matriculados em todo o país. No ano passado, foram apenas 7.933.713.

“Deveria ser o contrário na medida em que as matrículas no Ensino Fundamental têm aumentado”, analisa Vanessa Paula Garcez de Carvalho, de 31 anos, diretora do Centro de Ensino Fundamental 24, na Ceilândia. “Temos perdido muitos alunos porque eles preferem trabalhar. Eles vão fazer estágio e acabam optando pelo pequeno salário. São pessoas humildes, não entendem que um cidadão sem diploma não terá um bom emprego.”

Vanessa é uma obstinada. Dirige dois mil alunos divididos em três turnos, chefa 90 professores e perde o sono com problemas que vão muito além da rotina pedagógica. O pior deles é a administração das sucessivas ausências dos colegas. São cerca de sete faltas diárias de professores e um crescente distanciamento das famílias do cotidiano escolar. “É difícil motivar o aluno para ficar na escola se os pais não motivam, se o professor, se o salário lá fora é atraente.”

Para 2006, os dados preliminares nacionais do Censo mostram mais uma redução. Os educadores dizem que as raízes dessa tendências estão nos anos 90, quando as políticas públicas priorizaram a matrícula em massa de crianças no ensino fundamental, em detrimento do investimento na qualidade do ensino.

Dados da Comissão Econômica para América Latina e Caribe mostraram que 32 brasileiros com idade entre 15 e 19 anos largam a escola a cada hora. Significa um a cada dois minutos ou 753 por dia. No Distrito Federal, só entre 2004 e 2005, o total de matrículas no Ensino Médio caiu de 96.641 para 86.102, o que significa 10.539 matrículas a menos.